

DOI: 10.22478/ancora.v5n1p80-96

O QUE DIZEM AS FONTES? O acesso disruptivo ao radiojornalismo como estratégia dos estudantes na ocupação de escolas em 2016

WHAT DO THE SOURCES SAY? Disruptive access to radiojournalism as a strategy for students in school occupation in 2016

Luãn José Vaz CHAGAS¹

Universidade Estadual do Rio de Janeiro | Brasil

Resumo

O artigo é resultado de uma investigação realizada no período de ocupação das escolas paranaenses no mês de outubro de 2016. O objetivo foi analisar a percepção dos estudantes sobre a cobertura enquanto fontes jornalísticas e as estratégias de divulgação das ações nas instituições ocupadas. O estudo ainda explora as fontes utilizadas sobre a ocupação em emissoras de rádio de sete regiões polos do Estado. Com base nos conceitos de acesso ao jornalismo (MOLOTCH e LESTER, 1999) e rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), verificou-se a utilização dos portais das emissoras como plataformas de consumo de notícias sobre o movimento e as diferentes vozes selecionadas durante a cobertura das emissoras.

Palavras-chave

Jornalismo; Fontes; Estudantes; Radiojornalismo; Ocupações; Rádio expandido.

Abstract

The article is the result of an investigation carried out in the period of occupation of the schools of Paraná in October 2016. The objective was to analyze the students' perception about the coverage as journalistic sources and the strategies of dissemination of the actions in the institutions occupied. The study also explores the sources used on the occupation of radio stations in seven regions of the state. Based on the concepts of access to journalism (MOLOTCH and LESTER, 1999) and expanded radio (KISCHINHEVSKY, 2016), it was verified the use of the portals of the stations as platforms for the consumption of news about the movement and the different voices selected during the coverage of broadcasters.

Keywords

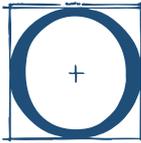
Journalism; Sources; Students; Radiojournalism; Occupations; Expanded radio.

RECEBIDO EM 27 DE MARÇO DE 2018

ACEITO EM 12 DE ABRIL DE 2018

¹JORNALISTA. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bolsista Faperj Nota 10.

Introdução

 artigo é resultado de uma pesquisa realizada no período de ocupações das escolas paranaenses, no mês de outubro de 2016. Ao todo, o movimento chegou a 2.114 escolas no país, além de 14 universidades. Somente no Paraná, foram ocupadas 850 instituições secundaristas e nove campi de ensino superior. As ações entraram para a história do país como uma forma de resistência estudantil comandada por adolescentes entre 15 e 17 anos. Entre as reivindicações estavam a retirada da Medida Provisória 746, que altera o formato do ensino médio no país, e a Proposta de Emenda à Constituição que congela investimentos públicos por 20 anos.

O objetivo da pesquisa foi perceber o tratamento das reportagens ligadas ao tema quanto à pluralidade e diversidade de vozes e a percepção dos jovens que atuaram como fontes sobre a cobertura. O trabalho verifica as estratégias adotadas para o acesso aos meios de comunicação, seja ele disruptivo na organização de manifestações (MOLOTCH e LESTER, 1999) ou então na utilização das redes sociais e outras tecnologias para divulgar as ações do movimento de ocupação. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 20 estudantes de diferentes instituições ocupadas, além de uma análise sobre as produções jornalísticas disponibilizadas nos portais de emissoras de sete regiões polos do Paraná: Band News FM (Curitiba), CBN (Maringá), Cultura AM (Guarapuava), Rádio T (Ponta Grossa), CBN Capital (Cascavel) e CBN (Londrina).

A hipótese é de que um dos princípios das relações entre jornalistas e fontes na chamada hierarquia da credibilidade (TRAQUINA, 2005; HALL et al, 1999) é mantida para a escuta de vozes oficiais (GANS, 1980) em detrimento da pluralidade e da diversidade. Assim, a pesquisa propõe reflexões sobre os processos específicos de seleção das fontes no radiojornalismo e classificações que explorem as condições vivenciadas pelo meio. As formas com que as rotinas de produção organizam o tempo e o espaço para a cobertura (TUCHMAN, 1983) e a ausência do jornalista do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010), ou o jornalista sentado (NEVEU, 2006), são partes de novas condições profissionais permeadas pela falta de pessoal nas redações e a velocidade crescente de produção informativa para variadas plataformas.

O espaço de produção das reportagens escolhidas para análise nas sete emissoras paraenses é parte da compreensão sobre Rádio Expandido. Segundo Kischinhevsky (2016), o meio extrapola as ondas hertzianas e está presente no dispositivo tradicional, mas também na internet em portais e aplicativos, TV por assinatura, por cabos ou então via satélite, nas mídias sociais e em serviços digitais abertos ou por assinatura. Essa é a realidade do radiojornalismo que, na Fase da Multiplicidade da Oferta (BRITTOS, 2002) é parte de uma convergência profissional, tecnológica, profissional e de conteúdos (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010). Questões estas que influenciam diretamente na compreensão sobre o rádio hipermidiático, onde diante das múltiplas tarefas e funções, formatos e fluxo de informação, o jornalista se ausenta do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010).

As fontes e o acesso à cobertura jornalística no Rádio Expandido

Nas discussões sobre o rádio e suas especificidades, parte-se do pressuposto de que o meio na atualidade é constituído de diferentes linguagens, gêneros, estilos e dispositivos técnicos que promovem sentidos para a sociedade (FERNANDEZ, 2008). As diversas formas de apreensão informativa proporcionam pensar o rádio para além de uma linguagem única ou unidirecional, ou até mesmo defini-lo a partir da transmissão em tempo real ou não. Desta forma, pretende-se aqui pensar o rádio como um meio que extrapola as ondas hertzianas e, expandido, está presente no aparelho tradicional, mas também nos dispositivos móveis, TV por assinatura, nos inúmeros portais da internet, nas redes sociais, entre outros espaços de escuta ao vivo ou sob demanda.

Circunscrever o rádio às ondas eletromagnéticas é condená-lo a um papel cada vez mais secundário diante do crescimento da internet comercial e do processo de convergência de mídias. No início do século 21, escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas também na TV por assinatura, via cabo, micro-ondas ou satélite, em serviços digitais abertos e por assinatura, e via internet, de múltiplas formas. (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 43)

Circunscrever o rádio às ondas eletromagnéticas é condená-lo a um papel cada vez mais secundário diante do crescimento da internet

comercial e do processo de convergência de mídias. No início do século 21, escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas também na TV por assinatura, via cabo, micro-ondas ou satélite, em serviços digitais abertos e por assinatura, e via internet, de múltiplas formas. (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 43)

Outra abordagem é que Fidler (1998), a partir do conceito de midiamorfose, pressupõe que o surgimento de novos meios não se dá de maneira espontânea e independente. Segundo ele, as novas experiências aparecem de forma gradual nas modificações e adaptações dos meios antigos, coexistindo com aquelas que já estão em desenvolvimento. Dessa forma, Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 175-176) aplicam no rádio os seis princípios de midiamorfose desde o surgimento da TV até os dispositivos digitais proporcionados pela internet:

- 1) *Coevolução e coexistência* com o novo, no caso a TV e suas diferentes formas, assim como a internet.
- 2) *Metamorfose*: o surgimento da TV e da internet são mostras da incorporação de diferentes percepções sensoriais, como é caso do áudio mais imagem, ou de todos eles em um só na web. Com isso, o rádio busca a segmentação em um primeiro momento fugindo da concorrência com a televisão e agora insere-se nos portais da internet oferecendo todas as potencialidades que o meio carrega.
- 3) *Propagação*: Em um primeiro momento os conteúdos são transpostos para a TV e nos últimos anos, portais, webrádios, canais de *podcasting* possuem no áudio, bases de para a transmissão de conteúdos na internet.
- 4) *Sobrevivência*: a inserção do rádio na internet, no celular, nos dispositivos móveis e seu conjunto de aparatos fazem parte do processo de adaptação nos quais estão inseridos.
- 5) *Oportunidade e necessidade*: Característica marcada pelas novas possibilidades proporcionadas pela banda larga, transmissão de dados na terceira e quarta geração, além da decadência da amplitude modulada que leva a migração das

emissoras para a frequência modulada.

- 6) *Adoção postergada*: “novas tecnologias sempre tardam mais do que o esperado para se converterem em êxitos comerciais” (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010).

Diante disso, é necessário olhar para como o processo de produção jornalística está inserido nestes marcos do rádio expandido, e por sua vez, carrega desafios em tempos de remediação e midiamorfose (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010). Essa é uma das características chave da compreensão em torno do rádio hipermidiático. Segundo Lopez (2010), o jornalista é compelido a integrar e se adaptar a novas dinâmicas, além de compreender e utilizar as ferramentas com agilidade. Salaverría e García Avilés (2008) argumentam neste sentido que as empresas recorrem de sucessivos cortes de gastos com correspondentes, novas contrações e concentram o trabalho jornalístico na sala da redação. Com isso, o processo produtivo se torna cada vez mais homogêneo e dependente de agências, entrevistas telefônicas e da internet, nem a necessária diversidade informativa, apuração e independência das fontes.

Lopez (2010, p. 118) constata que ao intensificar a “apuração de redação, o contato com as fontes é reduzido, assim como a capacidade do jornalista de contar uma história a partir da descrição e da exploração dos cenários sonoros e suas impressões do acontecimento”. Nesta lógica, o uso de novas tecnologias é permeado por consequências diretas de problemas que envolvem novas posturas profissionais dentro da redação (NEVEU, 2006). Para Meditsch (2010), independente da plataforma, a instituição representada pelo radiojornalismo permanece, mesmo que arranhada pela crise, mas com a necessária reflexão sobre a manutenção dos valores que a tornam um produto necessário para a sociedade e à democracia.

Os constrangimentos organizacionais que atuam nas redações de radiojornalismo expressam as condições de trabalho, que agregam os valores profissionais e influenciam na seleção e escolhas de fontes (BREED, 1999). E assim como destaca Tuchman (1983), que as decisões que emanam do profissionalismo são também resultados das necessidades da organização. Neste sentido, a situação pela qual passa o jornalismo com demissões e a diminuição do número de profissionais nas redações

com o aumento do número de tarefas provocam questões como a emergência do jornalista sentado (NEVEU, 2006; PEREIRA, 2004).

A situação profissional vivenciada pelos jornalistas colide com conceitos como jornalismo audiovisual de qualidade enquanto construção de conhecimento que passa pela pluralidade e a diversidade de vozes nas informações (BECKER, 2008). Porto (2007) coloca este ponto como central na possibilidade de garantir uma ampla interpretação dos meios com a exposição de diferentes marcos interpretativos das fontes nas informações. Para Moraes (2012) é preciso separar a pluralidade, como a escuta de diferentes instituições da sociedade civil organizada e a diversidade que compreende o conjunto de vozes presentes nas esferas sociais.

No dia a dia, o jornalista possui uma infinidade atores sociais presentes nos acontecimentos para a cobertura noticiosa, porém a permanência de setores oficiais ou oficiosos é recorrente como apontam Hall et al (1999) ao destacar fontes primárias e secundárias. A base de análise é construída a partir de um conjunto de classificações destas vozes nas teorias do jornalismo em diferentes aspectos, como Pinto (2000), Lage (2001) e Schimitz (2011). No rádio, Ferraretto (2001) as divide em internas, que compreendem as equipes de reportagem, enviados especiais, editores, correspondentes, apuração dentro da redação; e externas que são assessorias de imprensa, agências de notícias, informantes e a internet. Para Rutilli (2014) é necessário olhar para as fontes no ambiente digital que passaram a apropriar-se de ferramentas para a conquista de lugares de fala na internet, além da própria busca pelos jornalistas nas redes sociais.

Molotch e Lester (1999) colocam nas fontes o protagonismo da promoção dos acontecimentos a partir dos processos que envolvem a disputa das problemáticas públicas. Para os autores, a existência de questões em torno dos relatos demonstra a necessidade de acontecimento (event needs) e a busca por um impacto público como efeito multiplicador social dos criadores de notícias. Assim, três agentes são responsáveis pela construção dos acontecimentos: a) News Promoters: fontes oficiais ou oficiosas que promovem essas notícias ou indivíduos que tornam possíveis observar uma questão; b) News Assemblers: jornalistas e produtores da notícia; c) News Consumers: consumidores da informação.

Essa desigualdade de posições também pode ser encontrada nas classificações propostas por diversos autores das Teorias do Jornalismo

(CHAGAS, 2017). Pinto (2000) define estes agentes como pessoas, grupos, instituições, vestígios, falas, documentos, preparados, construídos ou não, e recorrem aos jornalistas com táticas específicas: “As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados” (PINTO, 2000, p. 290). Lage (2001) organiza as fontes de natureza mais ou menos confiável: pessoais, institucionais, documentais ou então oficiais, oficiosas e independentes, ou então primárias ou secundárias.

Schimitz (2011) as divide em oficiais, empresariais, institucionais, populares, notáveis, testemunhais, especializadas e de referência. O autor ainda propõe uma ação das fontes, que podem ser divididas em: a) proativa: nível de profissionalização e aprimoramento de ações estratégicas; b) ativa: agem ativamente criando canais de rotina, material de apoio aos jornalistas e tem regularidade no relacionamento com a mídia; c) passiva: quando não alteram sua natureza, no caso de fontes documentais ou de referência ou quando fornecem estritamente informações solicitadas; d) reativa: mantém uma posição inerte, desconfiada da imprensa ou age discretamente.

Essa divisão contribui para nosso foco relacionado à promoção dos acontecimentos públicos, como o caso do Movimento de Ocupação de Escolas no Paraná. Há, neste sentido, um interesse por parte dos estudantes na ocorrência que se torne uma utilidade pública na manifestação contra a PEC 241/55² e a MP 746³, por outro lado, interesses na prevenção desta ocorrência em outras escolas por parte dos governos Federal e Estadual. Segundo Molotch e Lester (1999) há quatro tipos de acontecimentos: a) rotina: produzidos intencionalmente pelas fontes; b) escândalos: também de rotina, mas foge do controle das fontes; c) acidentes: não se realiza intencionalmente; d) serendipity ou descoberta: um misto de rotina e acidente, promovido pelos jornalistas.

Como acontecimentos de rotina, as ocupações são partes de um conjunto de estratégias de acesso ao jornalismo e por sua vez a promoção de ocorrências. Essa possibilidade se dá por três formas, como já apontado em Kischinhevsky e Chagas (2017): a) quando os promotores

²PEC 241 aprovada em duas sessões na Câmara dos Deputados que institui um teto para os investimentos públicos pelos próximos 20 anos, inclusive em áreas como educação e saúde. No Senado Federal ela será chamada PEC 55, prevista para entrar na pauta de votação entre novembro e dezembro.

³Medida Provisória 746 que reforma o ensino médio, secundário e técnico no Brasil, pelo qual os estudantes, professores e sociedade civil organizada reivindicam mais discussões públicas sobre o tema.

tem acesso habitual à mídia, como é o caso de fontes oficiais, altos funcionários do governo, declarações presidenciais; b) acesso disruptivo, na qual os acontecimentos promovidos tornam-se um problema para os poderosos em manifestações, ocupações e outras atividades das fontes; c) acesso direto com a investigação de dados promovidas pelos jornalistas com a criação de novas ocorrências (MOLOTCH e LESTER, 1999).

Ao lado das diferenças de acesso e a contínua preferência por fontes oficiais (TRAQUINA, 2005), verificou-se também no caso da BandNews (KISCHINHEVSKY e CHAGAS, 2017) que há um processo de institucionalização e profissionalização destes sujeitos, que se capacitam para produzir acontecimentos, gerar conteúdos e interferir na pauta informativa, além de utilizar esse ambiente para agir e interagir no mundo, reconhecendo o jornalismo em espaço público de conflitos (CHAPARRO, 1994). A internet agrega esse conjunto de estratégias e o ciberespaço se torna fonte para os jornalistas, promovendo alterações em sua natureza e no próprio sistema de produção (MACHADO, 2003). Assim, analisar as fontes na cobertura informativa e suas estratégias de ação implica reconhecer a possibilidade de novas classificações no momento atual vivenciado pela prática jornalística radiofônica.

O que dizem as fontes?

O protocolo metodológico de análise dos dados no artigo resulta de um esforço de reunir duas compreensões sobre a produção de notícias no período das ocupações: a visão dos estudantes que atuaram como fontes na cobertura e como foram utilizadas as vozes ao longo dos materiais das emissoras. No mês de outubro de 2016, foram coletadas 109 notícias nos sites das sete emissoras a partir de buscas nas palavras chave Estudantes, Ocupação, Escolas⁴. A escolha sequencial tem o objetivo de situar os acontecimentos enquanto fontes e promotores, o movimento organizado e a instituição parte do processo. Em todos os sites foram encontradas reportagens em áudios e textos, o que reflete a inserção das emissoras para além da plataforma hertziana e no contexto do rádio expandido.

A escolha da coleta nos sites também é resultado das entrevistas com 20 estudantes de diferentes escolas, na qual todos afirmaram ouvir as reportagens por meio de portais, perfis em redes sociais e notícias

⁴Os sites das emissoras foram os seguintes: Band News FM Curitiba (www.bandnewsfmcuritiba.com), CBN Maringá (www.cbnmaringa.com.br), Cultura AM Guarapuava (www.centralcultura.com.br), Rádio T Ponta Grossa (www.fmtropical.com.br), CBN Cascavel (www.cbncascavel.com.br) e CBN Londrina (www.cbnlondrina.com.br).

compartilhadas. A variável utilizada para a escolha dos estudantes (DUARTE, 2006), reflete as coordenações dos movimentos nos colégios estaduais Antônio Tupi Pinheiro, Mahatma Gandhi, Francisco Carneiro Martins e Dom Pedro, todas situadas na cidade de Guarapuava (região central do Paraná). Não serão identificados os entrevistados da pesquisa.

As entrevistas semi-estruturadas, como protocolo metodológico, insere-se no momento da coleta de dados objetivos e subjetivos, como forma tradicional nas pesquisas das ciências sociais (CRUZ NETO, 2002). As entrevistas visam explorar o espectro das opiniões dos estudantes sobre diferentes representações no cotidiano da cobertura sobre as ocupações. Como afirma Gaskel (2002, p. 65), a partir destes dados é possível compreender detalhadamente o sistema de valores, crenças, atitudes que fazem parte da comunidade interpretativa, suas motivações e contextos que envolvem o cotidiano vivenciado.

As entrevistas tiveram como foco verificar os modos de acesso aos materiais noticiosos por parte dos estudantes como fontes, o acesso disruptivo ao temário jornalístico e suas estratégias de divulgação dos atos relacionados ao movimento. Em todos os casos, os meios de consumo de notícias passam prioritariamente pelas redes sociais, seguidos de TV e rádio, para avaliar a situação local relacionada às ocupações. A divisão dos resultados das entrevistas é organizada em três áreas relativas ao interesse na promoção dos eventos em torno da utilidade pública: 1) estratégias de divulgação e acesso ao jornalismo; 2) percepções sobre a cobertura da ocupação; 3) ações que gostariam que fossem abordadas. No primeiro caso, as estratégias são consensuais na importância dos materiais noticiosos para o conjunto da população. Segundo o estudante J. C. (16), o movimento organizou ações diárias divulgadas nas páginas do Facebook do Colégio Francisco Carneiro Martins⁵, área central da cidade, mas que refletem pouco nas notícias. J. O. (16) também destacou que há coletivos de comunicação com o objetivo de sensibilizar, ligar e ir atrás dos meios com sugestões de materiais ou então com a agenda do movimento. Os relatos passam em sua maioria pela utilização das redes sociais como foco principal e o uso para mobilizar a opinião pública e assim, chegar aos radiojornais com assuntos sobre a ocupação na ótica dos estudantes.

⁵A página foi atualizada com imagens das ações realizadas como limpezas, rodas de estudo, além de notas explicativas sobre os motivos da ocupação. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupacarneiro/?fref=ts>>

Eu vejo que a melhor estratégia é dar entrevistas para a mídia, mostrar as atividades que são feitas durante o dia, principalmente sobre os pontos chave. Como eu disse, no horário dos dois telejornais, além de muitas matérias falarem sobre a ocupação sem entrevistar os estudantes, o governo ainda divulga propagandas pedindo para os alunos desocuparem as escolas. Esse é o horário nobre que os pais estão nas escolas, e através destes jornais podemos chegar aos pais e aos comerciantes, para verem o que está sendo desenvolvido, agora isso não depende só da gente né (sic), até estamos aqui querendo ser ouvidos, mas isso aconteceu uma vez. (A. C., 16 anos).

Quanto a percepção sobre a cobertura, a maioria (18 estudantes) relacionaram a cobertura que consideravam distorcida com a ausência de jornalistas no local das ocupações. Para L. D. (17), as notícias não refletem o que acontece dentro das escolas porque poucos jornalistas foram até o Dom Pedro I (escola localizada no interior do município) e quando vão, apenas abordam pessoas contrárias ao movimento. A aluna A. B. (18) argumentou que os manifestantes estavam à disposição para falar sobre reivindicações e mesmo assim não haviam interessados em entrar na escola. No Antônio Tupy Pinheiro, E. B. (15) disse que todas as notícias que viram em conjunto com os colegas na ocupação não mostravam os argumentos da manifestação.

Na maioria das vezes, eles colocam os alunos como baderneiros ou então alunos que não tem a mínima noção do que estão fazendo. Ainda mais com essa propaganda do governo dizendo que as crianças do Paraná estão sendo doutrinadas e não sabem o que estão fazendo. Pelo contrário, sabemos muito o que estamos fazendo, e isso é um jeito de queimar o nosso nome na mídia e o povo todo assiste jornal, estão nas redes sociais, por isso, e podem achar que isso está correto e na realidade não. Por isso temos que atuar também nesse sentido da comunicação. (L. A., 17 anos)

As ações que gostariam que fossem abordadas envolvem desde "aulões" realizados dentro das escolas ocupadas com foco no Enem até mutirões de limpeza e arrecadação de alimentos. Para a estudante M. A. (19), os jornalistas editam e distorcem as falas dos estudantes, o que gera receio em entrevistas, mas que deveriam ser abordados assuntos como as oficinas e palestras dentro das instituições. Em alguns colégios, o movimento chegou a proibir a entrada de jornalistas após reportagens que

editaram a fala de estudantes. G. M. (17) relatou que os participantes deveriam ser ouvidos prioritariamente sobre os motivos e reivindicações apresentadas, o que não aconteceu na grande maioria das vezes.

Entre os dados que convergem com a pesquisa quantitativa está a percepção de que os estudantes não são fontes prioritárias nas notícias sobre o tema. Segundo a jovem A. F. (17), poucos alunos foram procurados na escola Mahatma Gandhi, uma das primeiras a serem ocupadas no Estado. Outra questão é a apresentada pelo aluno P. A. (16), em que a única forma de ser ouvido é organizando manifestações na rua e ocupando escolas, alinhando ao conceito de acesso disruptivo de Molotch e Lester (1999). As entrevistas revelam uma postura do movimento em deslocar as ações midiáticas para redes sociais e os contatos próximos com a ausência de uma cobertura que ouça os diversos lados presentes durante o período.

A coleta nos sites das emissoras no mês de outubro mostra uma preponderância de fontes oficiais nas sete principais regiões polos do Estado. Em um total de 109 reportagens coletadas sobre o assunto, foram ouvidas 178 fontes. Ao todo, 31 estudantes foram ouvidos diretamente e durante 10 vezes, o presidente da União Paranaense de Estudantes, Matheus dos Santos foi entrevistado. Já o Governo do Estado, fonte oficial e principal interessado na desocupação, esteve nas notícias durante 71 vezes, mais que o dobro das fontes consideradas populares. Os dados tornam evidentes a desigualdade no tratamento entre agentes com maior poderio econômico, social e até mesmo político no jornalismo.

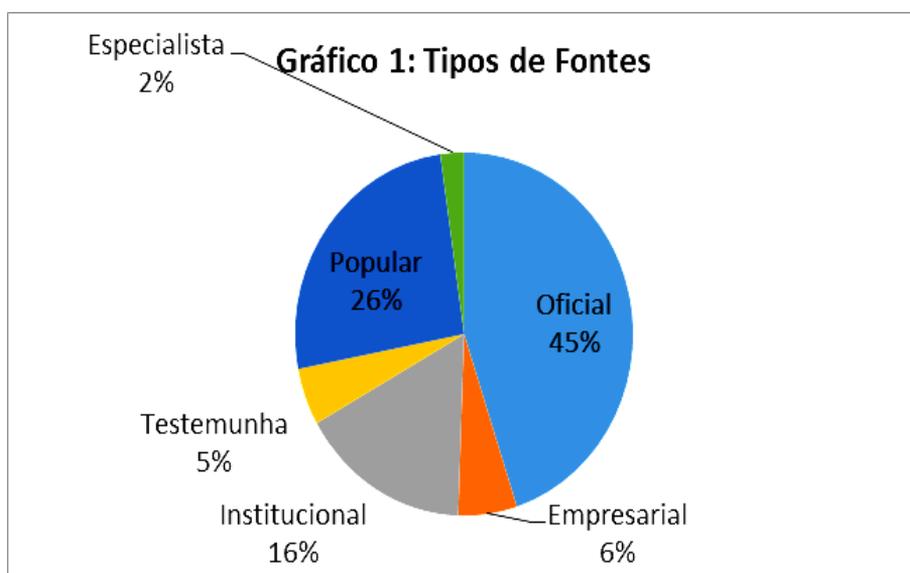
A formação da hierarquia da credibilidade, como ressaltam Traquina (2005) e Hall et al (1999) impõe uma referência de autoridade e afeta diretamente a construção noticiosa. A discussão a ser realizada é que este princípio nem sempre representa a dinâmica que envolve a diversidade de pontos de vista presentes na sociedade. O destaque de Moraes (2012), quando à escuta de diferentes vozes na esfera social condiz a possibilidades de interpretações diversas. A notícia, com fim último da promoção dos acontecimentos, torna-se um produto político que não instiga e problematiza a sociedade, mas repete as desigualdades promovidas pelos setores hegemônicos, independente da plataforma.

A classificação das fontes encontradas foi construída a partir das considerações de Lage (2001), Pinto (2000), Chaparro (1994), Schimitz (2011), Rutili (2014) e Ferraretto (2001). A frequência a ser considerada está dividida entre os seguintes tipos: a) oficial (representação do Estado

como um todo ou que representa alguém em função ou eleito para um cargo público); b) empresarial (a voz de um grupo comercial, da indústria, dos serviços ou do agronegócio); c) institucional (organizações sem fins lucrativos, grupos sociais, sindicatos e movimentos); d) testemunhal (que apresenta algo visto, ouvido ou testemunhado enquanto observador); e) popular (reúne pessoas comuns, que se apresentam como vítimas de determinada situação – um crime, uma injustiça, uma política pública ineficiente – ou lançam mão de táticas de espetacularização para conseguir visibilidade e reivindicar melhorias no seu cotidiano); f) especialista (profissionais com saber científico ou organização que possui conhecimento sobre uma determinada área); g) notável (escritores, artistas, esportistas, pessoas que desempenhem algo que possuam reconhecimento social); h) convergente (aplicativos de trânsito, clima ou outros dispositivos de acesso a informações, que oferecem às emissoras a possibilidade de crowdsourcing).

No primeiro aspecto radiofônico, quanto à divisão entre fontes internas e externas (FERRARETTO, 2001), houve um total de 76 materiais oriundos e assinados pelas redações e 33 casos de notícias utilizadas a partir de agências e assessorias de imprensa. Porém, foi possível perceber que mesmo em materiais produzidos pelos próprios jornalistas das emissoras, áudios disponibilizados pela assessoria do Governo do Estado, com o governador Beto Richa e outros secretários, foram utilizados em reportagens que seriam internas, mostrando a mistura e a edição e reedição de materiais oriundos das fontes oficiais.

Como mostra o **Gráfico 1**, a maioria das vozes ouvidas pela programação do mês de outubro foi de fontes oficiais (45%), seguida por populares (26%), que congrega estudantes participantes (31) da ação e outros atores presentes no momento como os próprios pais e ativistas que defendiam a volta às aulas. O tipo denominado institucional teve 16%, congregando o movimento Ocupa Paraná e líderes estudantis que possuem essa posição social apareceram que 28 vezes, além de sindicatos de professores e órgãos de classe como a OAB. Além disso, foram ouvidas empresariais (6%), testemunhas (5%) e especialistas (2%).



Fonte: Reportagens veiculadas nos sites das emissoras estudadas no período de 1 a 31 de outubro de 2016

A pesquisa demonstra a falta de pluralidade e diversidade como forma de equilíbrio sobre a cobertura informativa do movimento de ocupação dos estudantes. A construção do conhecimento, apontada por Becker (2008), em um jornalismo de qualidade não contempla este requisito na distribuição das vozes ao longo da cobertura. A preferência pela visão oficial sobre os movimentos prejudica a própria leitura dos eventos realizados. Há que se reconhecer a hegemonia da audiência em filtrar, a partir de suas leituras nas mediações destes processos. Porém, para além de um processo normativo, o acesso à informação na produção jornalística passa pela escuta das diferentes demandas do público, do reconhecimento das vozes e inserção dos sujeitos nesta narrativa em busca do interesse público.

A ação que envolveu o interesse direto e contraditório das vozes sobre a ação estudantil passa pelo tratamento igualitário dos enquadramentos informativos sobre o processo. A construção da notícia é parte da seleção das fontes que interpretam os acontecimentos. As reivindicações, da retirada de pauta da PEC 241/55 que congela os investimentos públicos em diversas áreas, como educação e saúde, e as mudanças no ensino médio sem discussão pública por parte do Governo Federal na MP 746 nem sempre são foco das reportagens analisadas. Em alguns casos, a ótica da cobertura é determinada pelas declarações

oficiais do Governo do Estado e por virtuais problemas acarretados pelas ocupações, como a ausência de aulas nas escolas.

Considerações finais

A intensidade da cobertura informativa na atualidade é resultado da difusão tecnológica e as amplas possibilidades do rádio expandido e hipermediático. Isso, por sua vez, leva à reflexão sobre as práticas jornalísticas no meio e o tratamento dado a estas reportagens. A construção da notícia no cotidiano das redações envolve uma análise específica sobre as condições de produção em tempos de convergência profissional, tecnológica, empresarial e de conteúdo. Na imensidão produtiva para diferentes plataformas, as características que permanecem na instituição jornalística, como critérios de seleção das fontes e de noticiabilidade ficaram, no caso das emissoras analisadas, à margem da desigualdade entre os agentes sociais ouvidos durante a ocupação.

Os dados revelam duas questões atuais nas pesquisas em radiojornalismo: 1) a inserção dos produtos noticiosos em portais e aplicativos para a circulação de conteúdos em diferentes polos econômicos e sociais; 2) e a dimensão provocada pelas novas condições de produção do jornalista sentado (NEVEU, 2006) e ausente do palco dos acontecimentos (LOPEZ, 2010) na escolha das fontes. Enquanto as vozes oficiais e corporativas se institucionalizam em assessorias de imprensa, agências e grupos de comunicação, as redações diminuem o número de profissionais impactando a possibilidade de uma produção noticiosa que contemple a diversidade social.

Por fim, o conjunto das classificações de fontes nas teorias do jornalismo se sobrepõe às considerações relacionadas ao rádio. Ainda é necessário repensar o posicionamento destes agentes no radiojornalismo, que aborde a natureza, o interesse e a ação das fontes de um lado e de outro a taxonomização como ponto de partida e escolha para a prática profissional nas redações. A não transparência da notícia enquanto produto veiculado ofusca as margens de leitura crítica com a falta de exposição clara entre fontes internas e externas, considerando a multiplicidade de aspectos que envolvem a cobertura noticiosa. A construção do conhecimento e a devida interpretação dos acontecimentos passam pelas ações dos sujeitos. Reconhecer nas fontes, a origem das notícias é parte da contribuição do jornalismo para a compreensão das ocorrências sociais do cotidiano.

Referências

- BECKER, Beatriz. Diversidade e pluralidade: desafios na produção de um telejornalismo de qualidade. In: BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA (Orgs.). **Discursos e práticas de qualidade na televisão**. Lisboa: Novos Horizontes, 2008.
- BOLTER, Jay David, GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding new media**. Cambridge: MIT Press, 1999.
- BREED, Warren. Controle social na redação: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.
- BRITTOS, Valério Cruz. O rádio brasileiro na fase da multiplicidade da oferta. **Verso & Reverso**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 16, n. 35, p. 31-54, jul.-dez. 2002.
- CHAGAS, Luan J. V.. Entre fontes e jornalistas: interesses e disputas na cobertura do impeachment da presidenta Dilma Rousseff no radiojornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 76-88, out. 2017.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- CRUZ NETO, Otávio. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21ª Ed, Petrópolis, RJ: Vozes; 2002.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- FERNÁNDEZ, José Luis (dir). **La construcción de lo radiofónico**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Suzzato, 2001.
- FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e convergência: Uma abordagem pela economia política da comunicação**. Revista Famecos, vol. 17, n. 3, set-dez, 2010.
- FIDLER, Roger. **Mediamorfosis: comprender los nuevos médios**. Buenos Aires: Granica, 1998.
- GANS, Herbert J. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Vintage, 1980.
- GASKEL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. (orgs.). In: **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos mídia. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luãn. Diversidade não é igual à pluralidade – Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia**, São Paulo, n. 36, p. 111-124, dez. 2017.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.
- MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webmergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de (orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. SP: Ed. Senac-SP, 2010.
- MOLOTCH, Harvey & LESTER, Marilyn. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.
- MORAIS, Maria Elsa Sousa Costa e Silva de. **Pluralismo e diversidade nos media em Portugal: A blogosfera em rede**. Tese de doutorado (Doutorado em Ciências da Comunicação). Lisboa: Universidade do Minho, 2012.
- NEVEU, Érick. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- PEREIRA, Fábio Henrique. **O jornalista sentado e a produção da notícia online no Correio Web**. Em *Questão*, v. 10, nº 1, p. 2004.
- PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. In: *Comunicação e Sociedade*, 2000. Braga: Vol. 14 (1-2), p. 277-294, Universidade do Minho.
- PORTO, Mauro. **Televisão e política no Brasil: a Rede Globo e as interpretações da audiência**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- ROSSI, Michele. **Fontes como indicadores de qualidade no produto jornalístico: discussão em matérias sobre o conflito na fazenda buriti nos jornais O Estado e O Progresso**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2013.

RUTILI, Marizandra. **Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência:** um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, J. A. **La convergencia tecnológica en los medios de comunicación:** retos para el periodismo. Trípodos, Barcelona: Universitat Ramon Llull, n. 23, p. 31-47, 2008.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias:** ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo Volume I:** Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia:** estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gili, 1983.

